



CORPOS FEMININOS E RISCO SOCIAL: MAPEAMENTO COLABORATIVO ENTRE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO

Female bodies and social risk: collaborative mapping among high school students

Alicia de Oliveira Moreira Pereira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7485-9542>

aliciaoliveirapereira@gmail.com

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Departamento de Geociências. Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1426-4790>

carlaju@ufsj.edu.br

Trabalho apresentado durante a 7ª Jornada Científica da Geografia da UNIFAL-MG & 1º Encontro Sul Mineiro de Geografia e selecionado para publicação

RESUMO

A discussão mobilizada neste trabalho relaciona-se com as contribuições da educação geográfica para a análise da espacialidade da vulnerabilidade de gênero, considerando alunas do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, em São João del-Rei, Brasil. Para isso, desenvolveu-se um percurso educativo geográfico que leva em consideração as geografias, espacialidades e o cotidiano das estudantes. Por meio de metodologias qualitativas, referente a pesquisa-ação e leitura dos espaços geossimbólicos, foram analisadas as falas, percepções, vivências e narrativas das jovens em relação à dimensão espacial do risco social decorrente da desigualdade de gênero. Considerando, em particular, a oficina “Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências”, reflete-se acerca dos espaços em que as alunas se sentem mais expostas e vulneráveis, além de lugares de acolhimento frente às violências de gênero. A partir dos resultados, evidencia-se a importância de pensar práticas educativas representativas das espacialidades das juventudes, considerando o marcador social-identitário do gênero.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Vulnerabilidade de gênero; Risco social; Mapeamento colaborativo.

ABSTRACT

The discussion mobilized in this work is related to the contributions of geographic education to the analysis of the spatiality of gender vulnerability, considering 1st year high school students at Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, in São João del-Rei, Brazil. To achieve this, a geographic

educational path was developed that takes into account the geographies, spatialities and daily lives of the students. Using qualitative methodologies, referring to action research and reading geosymbolic spaces, the speeches, perceptions, experiences and narratives of young women were analyzed in relation to the spatial dimension of social risk resulting from gender inequality. Considering, in particular, the workshop “Collaborative mapping: between places of fear, danger and (re)existences”, it reflects on the spaces in which students feel most exposed and vulnerable, as well as places of welcome in the face of violence of gender. From the results, the importance of thinking about educational practices that represent the spatialities of youth becomes evident, considering the social-identity marker of gender.

Keywords: Geographic Education; Gender vulnerability; Social risk; Collaborative mapping.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho compreende parte das reflexões originadas na pesquisa de mestrado intitulada 'Corpos femininos como fator de risco social: Educação Geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre jovens estudantes', que investiga as contribuições da educação geográfica na construção de um olhar geográfico acerca da espacialidade da vulnerabilidade de gênero.

A discussão em torno da vulnerabilidade dos corpos femininos é tecida a partir da construção de um percurso educativo geográfico, em formato de sequência de oficinas, cujo objetivo compreende despertar o olhar geográfico acerca das complexas estruturas de poder que produzem riscos associados à dinâmica de gênero. Em específico, neste trabalho, enfoca-se a oficina intitulada “Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências”, realizada a partir de um processo de mapeamento participativo e dialógico que considerou as subjetividades, experiências e realidades de alunas do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, localizada na cidade de São João del-Rei/MG, identificando lugares em que essas estudantes sentiam-se em perigo, medo e lugares de acolhimento e resistência.

O Mapeamento Colaborativo compreende um conjunto de práticas que envolvem a criação de mapas pelos estudantes, com base nas discussões da Cartografia Social, que considera a cartografia como uma linguagem geográfica (DE OLIVEIRA, 2019). Conforme Seemann (2003, p.52), o mapeamento permite criar “diferentes formas de representar, interpretar e ler a partir de nossas experiências cotidianas”. Nesse sentido, cartograficamente, configura-se como uma forma de expressão e comunicação das desigualdades socioespaciais relacionadas ao corpo generificado feminino, “integrando-se às leituras e análises dos diferentes arranjos espaciais” (RITCHTER, 2017, p. 288).

A discussão apresentada considera as reflexões realizadas em torno do risco social (LOURENÇO, 2015; CASTRO e FERNANDES, 2019; VEYRET, 2007), das contribuições das

Geografias Feministas (HARAWAY, 1995; SCOTT, 1995; SILVA, 2009; Silva *et al.*, 2013) e da Educação Geográfica (CAVALCANTI, 2002, 2019; CALLAI, 2010).

De acordo com Lourenço (2015, p.34) o risco social refere-se a “fenômenos derivantes da (in)capacidade humana de viver em harmonia, gerando desigualdades e iniquidades”, no qual detém caráter social, econômico, político e cultural. Tendo em conta a dimensão dos riscos sociais, Bauman (2014) aponta que muitas das sensações sociais associadas à vida contemporânea estão relacionadas com a condição de precariedade, instabilidade e vulnerabilidade, expressando uma combinação de três tipos de experiências: incerteza, falta de garantias e insegurança (CASTRO, 2019).

O conceito de vulnerabilidade, intrínseco ao risco, compreende uma perspectiva social, conforme considerações realizadas por Canil *et. al.* (2021). Ainda, em relação a vulnerabilidade relacionada aos marcadores sociais e identitários leva-se em consideração as acepções de Crenshaw (2002) e Piscitelli (2008) no que tange ao conceito de interseccionalidade. Portanto, considera-se as categorias identitárias como o gênero, raça, sexualidade e classe nas vivências espaciais das juventudes, que vão ocasionar maiores ou menores níveis de vulnerabilidade no espaço geográfico. O gênero nessa perspectiva configura-se como mecanismo e dispositivo de poder que regula as práticas humanas e cria fixos de feminilidade e masculinidade instituídos como “naturais”, a partir da relação gênero-práticas-fixações (BUTLER, 2018).

Nesse viés, tendo em vista que “o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam” a construção de um olhar espacial da vulnerabilidade, considerando os discursos a partir de narrativas das estudantes, amplia o entendimento espacial no ato de problematizar as estruturas espaciais de poder que produzem violências e desigualdades de gênero nos territórios (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

À vista disso, com o intuito de refletir acerca da vulnerabilidade de gênero entre jovens alunas da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, considerando a cidade de São João del-Rei, realizou-se um mapeamento colaborativo a fim de problematizar a realidade socioespacial das estudantes, investigando os lugares de perigo, medo, de diálogos e acolhimento, interessando-se quanto as subjetividades, identidades, vivências e realidades das alunas.

2. METODOLOGIA

No desenvolvimento do percurso educativo geográfico apresentado nesta discussão considera-se a abordagem fenomenológica como o método, uma vez que visa analisar a espacialidade da vulnerabilidade de gênero a partir da perspectiva das estudantes. Nesse sentido, busca-se compreender e explorar aspectos relacionados à subjetividade, ao empirismo, à percepção e ao

imaginário das participantes, valorizando suas experiências vividas (MOREIRA, 2002).

O escopo metodológico do percurso educativo geográfico, intitulado “Geoficias: vulnerabilidade de gênero”, fundamenta-se em dois pilares. O primeiro relaciona-se com os princípios geográficos, a partir da mobilização de raciocínios geográficos (MOREIRA, 2007; GOMES, 2013), que conferem espacialidade ao fenômeno da vulnerabilidade de gênero na construção do percurso educativo. O segundo pilar refere-se às contribuições das Geografia Feministas (HARAWAY, 1995; SCOTT, 1995; SILVA, 2009; SILVA *et al.*, 2013), ao trazer discussões relacionadas ao corpo, gênero, identidades e poder, considerando corpos marginalizados, estigmatizados e inferiorizados historicamente nos espaços geográficos e no campo científico.

Intrínseco ao percurso educativo e metodológico das oficinas mobiliza-se o uso da metodologia pesquisa-ação (THIOLLENT, 2004), derivante do diálogo e estreita relação participativa entre os sujeitos da pesquisa, utilizando-se da técnica de análise dos conteúdos geossimbólicos, proposta por Heidrick (2016).

A pesquisa-ação consiste em “uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro que possui base empírica” (THIOLLENT, 1998, p. 7). É, portanto, “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”, de forma que “os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2004, p. 14) Dessa forma, os pesquisadores possuem papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Em associação com os pressupostos metodológicos da pesquisa-ação, utiliza-se da técnica de análise metodológica elaborada por Heidrick (2016, p.18) que considera o “envolvimento com os espaços geossimbólicos”, com o intuito de compreender as experiências a partir de um viés dialógico e de escuta ativa. Heidrick (2016) seleciona três maneiras-chave de leituras das falas, sendo: (i) conteúdos gerados pelas considerações de partida e dos objetivos da pesquisa; (ii) conteúdos-surpresa, referente às unidades de significação (MICHELAT, 2004); e (iii) objetos-conceitos geográficos no interior (“na alma”) das falas.

Para desenvolver o percurso educativo geográfico escolheu-se a Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, instituição pública de ensino, localizada no bairro Fábricas, em São João del-Rei/MG, a qual oferece aulas nos níveis de ensino Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio (Figura 1). Constitui-se como uma escola de perfil heterogêneo que agrega estudantes de diversas realidades socioeconômicas. Conforme a Proposta Política Pedagógica da Escola destacam-se o exercício da cidadania, promoção do prazer em aprender, investigação e usos de diversos modos de aprendizagem e das maneiras de refletir e de agir e busca pelo intercâmbio entre a realidade escolar e o cotidiano entre educação e vida, conforme Paula *et al.*, (2011).

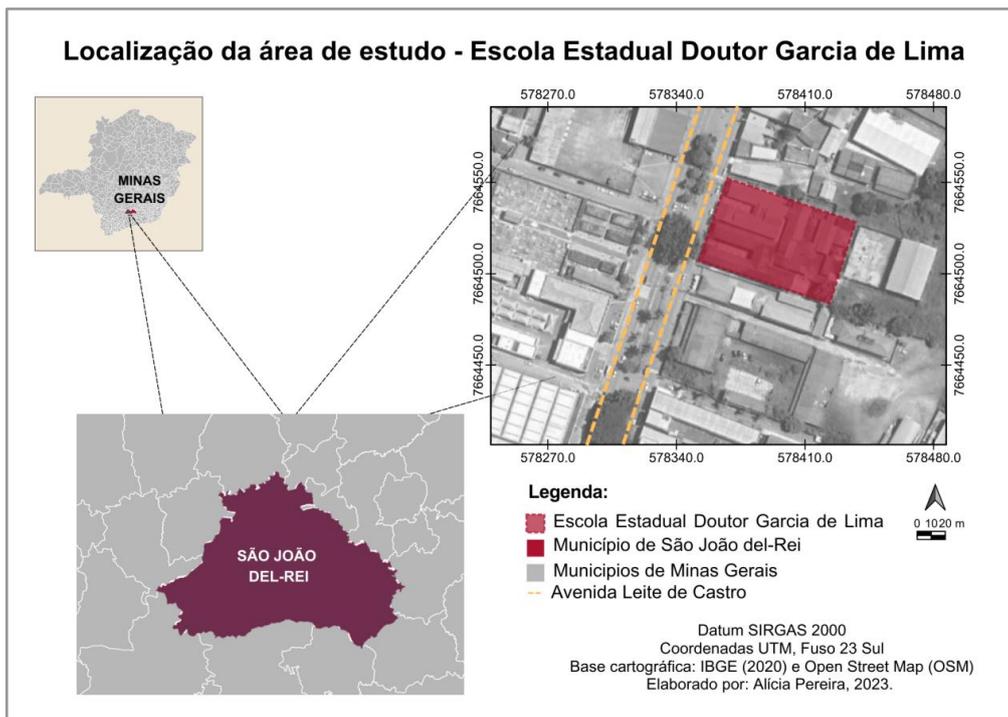


Figura 1 - Localização da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima.

Fonte: Pereira, 2023.

As atividades foram cuidadosamente planejadas para envolver as alunas em um processo reflexivo e crítico, levando-as a analisar e questionar as manifestações espaciais da vulnerabilidade de gênero em seu contexto escolar e além dele. Durante os meses de dezembro de 2022 a maio de 2023, os encontros foram realizados de forma presencial, fomentando o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva de conhecimento. No entanto, devido a sensibilidade da temática e desejo de continuar os debates, continuam ocorrendo interações remotas, a fim de manter o vínculo e o apoio necessários para a continuidade do processo educativo.

Em relação a organização dos módulos das oficinas “Geoficinas: vulnerabilidade de gênero”, os mesmos foram elaborados para promover uma reflexão aprofundada sobre as questões de gênero e suas interseções com o espaço geográfico, proporcionando às estudantes uma oportunidade valiosa de compartilhar suas experiências, discutir desafios e explorar possíveis caminhos para a transformação social. Nesse sentido, a elaboração dos módulos foi pensada a partir da mobilização de princípios geográficos como conexão, escalarização e dispersão, considerando as relações de poder que produzem desigualdades espaciais e de gênero (Quadro 1).

Quadro 1: Organização das oficinas “Geoficinas: vulnerabilidade de gênero”.

“Geoficina: vulnerabilidade de gênero”	Conteúdo
Um corpo feminino viajando pelo mundo	Espacialização da condição da mulher na sociedade
Mulheres: a potente multiplicidade do ser	Discussão das múltiplas e plurais identidades femininas
Jogo da memória: feminismo negro e mulheres na ciência	Conhecer teorias e pensamentos de pesquisadoras importantes e potentes do feminismo negro
Mulheres em risco: vulnerabilidade de gênero	Risco Social. Vulnerabilidade, Espaço e gênero. O corpo generificado feminino como fator de risco
Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências	Refletir sobre a vulnerabilidade de gênero na cidade de São João del-Rei, os lugares de perigo, medo e de diálogos, a partir das experiências das estudantes
"Andando por aí": vivências espaciais do corpo feminino na cidade de São João del-Rei	O corpo do feminino no/com o espaço. Pluralidade de vivências no espaço geográfico. Espaço, gênero e cidade.
Papel mulher: ocupando o espaço escolar e a cidade	Gênero e Lugares. Ocupando e ressignificando a cidade.

Fonte: Pereira, 2023.

No que tange às alunas da pesquisa, participaram de ao menos uma das oficinas o total de doze alunas (Quadro 2), sendo que na oficina em questão “Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências”, participaram sete alunas. É importante destacar que as estudantes representam uma diversidade de identidades femininas que se manifestam no contexto escolar. Durante os módulos, observou-se que os marcadores sociais raciais e de orientação sexual configuram-se como aspectos identitários importantes nas experiências das estudantes, afligindo em seus níveis de vulnerabilidade de gênero nos diferentes espaços geográficos. Essas questões foram exploradas ao longo das atividades, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre a interseccionalidade e suas influências na experiência das alunas.

Quadro 2: Relação das alunas da pesquisa.

Nome	Idade (anos)	Identificação das alunas
Carolina Maria de Jesus	16	Mulher, cis, negra, heterossexual
Lélia Gonzalez	16	Mulher, cis, branca, pansexual
Dandara dos Palmares	15	Mulher, cis, negra, bissexual
Carola Lorenzini	15	Mulher, cis, branca, bissexual
Frida Khalo	15	Mulher, cis, branca, bissexual
Mariele Franco	15	Mulher, cis, branca, lésbica
Eva Perón	15	Mulher, cis, branca, heterossexual

Isabel Allende	15	Mulher, cis, negra, bissexual
Maria da Penha	15	Mulher, cis, negra, heterossexual
Nísia Floresta	15	Mulher, cis, branca, pansexual
Patrícia Galvão	16	Mulher, cis, branca, bissexual
Rigoberta Menchú Tum	15	Mulher, cis, negra, lésbica

*Nome fictício escolhido pelas alunas, levando em consideração a representatividade de mulheres latino-americanas.
Fonte: Pereira, 2023.

As doze alunas residem em diferentes bairros do entorno da escola, destacando-se o bairro Fábricas, onde a instituição está situada, e os bairros Matosinhos e Dom Bosco (Figura 2). Esses bairros apresentam realidades heterogêneas e diversidade socioespacial, refletindo a variedade de contextos em que as alunas vivenciam o fenômeno da vulnerabilidade de gênero. A localização geográfica das estudantes em diferentes áreas proporciona uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e espaciais que influenciam suas experiências e desafios relacionados à questão de gênero.

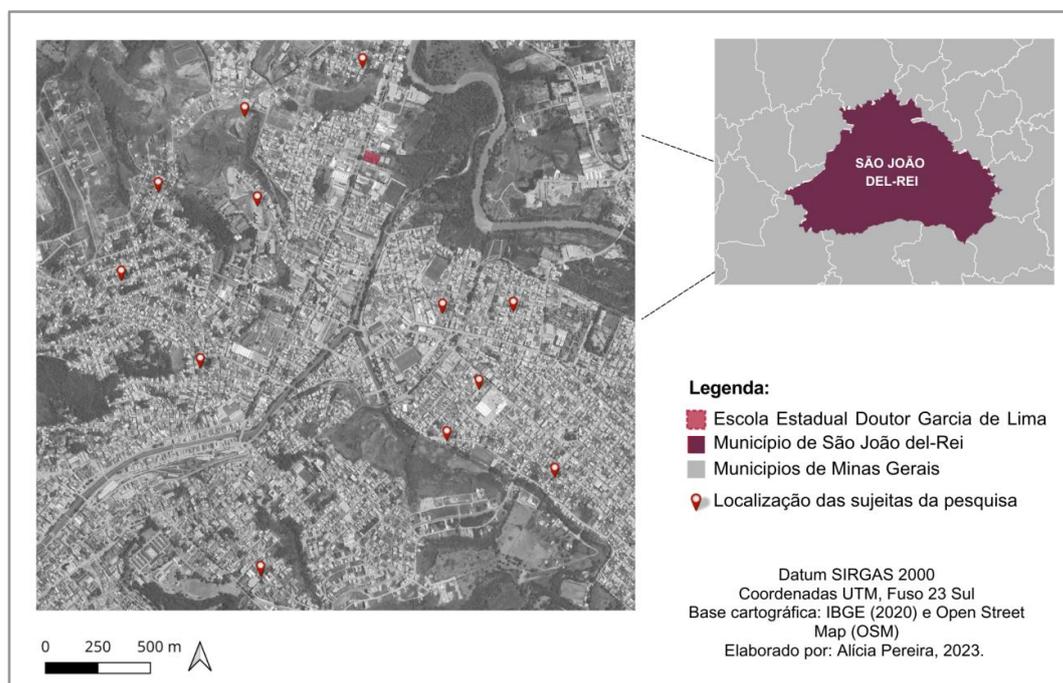


Figura 2 - Localização das alunas da pesquisa
Fonte: Pereira, 2023.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo encontra-se na interface da Geografia, risco social e educação geográfica. Os fundamentos teórico-conceituais em relação ao risco social compreendem pesquisadores e pesquisadoras como Lourenço (2015); Castro e Fernandes (2019); Veyret (2007); Wisner *et al.*,

(2004) e Canil *et al.*, (2021). No que tange aos aspectos que conferem identidade geográfica a este estudo, selecionou-se teóricas e teóricos como Massey (2008), Silva (1998; 2009; 2013); Souza (2021); Rose (1993) e Haesbaert (2011). Já, no que concerne à educação geográfica, tem-se como referência Callai (2010) e, sobretudo, Cavalcanti (2002; 2012; 2016; 2019).

Segundo Pereira Junior (2008), a partir de um resgate etimológico, o conceito de vulnerabilidade deriva-se dos vocabulários em latim *vulnus*, que denota ferida e, *habilitas*, que refere-se a capacidade e a disposição de ação. Ou seja, ao analisar a palavra vulnerabilidade a mesma define-se como a capacidade de ser ferido, em uma condição em que os seres humanos necessitam de amparo. Cutter *et al.* (2003) definem vulnerabilidade como potencial de perda, incluindo neste processo os sistemas sociais, naturais e artificiais como sendo vulneráveis.

O conceito de vulnerabilidade social, conforme Canil *et al.* (2021), está atrelado a uma série de contingências sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas, entre outras, que explicitam diferentes condições de exposição e fragilidade de grupos sociais aos riscos. Sendo que o grau de vulnerabilidade social das comunidades ou indivíduos afetados vão determinar a capacidade de reconstrução, bem como reflete a realidade das condições socioeconômicas e socioespaciais frente à exposição aos riscos.

Ademais, é importante ressaltar, que “a vulnerabilidade não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero, etnia” (GUARESCHI *et al.*, 2007, p. 22). À vista disso, a vulnerabilidade de gênero relaciona-se com fatores e marcadores de identidades femininas que interferem na suscetibilidade a perigos e violência de gênero.

A vulnerabilidade de gênero compreende aspectos de uma vulnerabilidade que possui carácter social e identitário, imbricadas em estruturas sociais que conferem ao corpo generificado feminino condições que o deixam em exposição e violação. Ou seja, os marcadores sociais e corporais, como a questão de gênero, sexualidade, racialidades, classe, dentre outras interseccionalidades, são estruturas importantes na reflexão dos graus de vulnerabilidade e exposição em relação ao corpo da mulher.

No âmbito desta discussão, Scott (1989) e Butler (2018) são importantes referências para pensar o conceito de gênero, como uma categoria de análise e mecanismo de poder. Segundo Scott (1989) o reconhecimento das categorias ‘homem’ e ‘mulher’ constituem-se enquanto vazias e transbordantes, por não terem um significado definitivo e, sobretudo, por não serem fixos. Nesse viés, o gênero não deve ser pensado de maneira isolada, somando-se a uma visão mais ampla de igualdade política e social, incluindo categorias como raça, sexualidade e classe social.

Conforme Butler (2018) evidencia-se não existir uma masculinidade ou feminilidade em sua essência como pré-discursiva, propondo a necessidade de romper com os binarismos de sexo/gênero.

A autora chama atenção para a instabilidade desses padrões, argumentando que, por terem inscrições sociais, os corpos podem subverter a ordem que lhe foi imposta anteriormente, pois o corpo pode envolver uma simultaneidade de construção e desconstrução. No que se refere a compreensão entre gênero, sexualidade e raça, segundo Piscitelli (2008), Butler assume uma posição que afirma a necessidade de analisar o gênero a partir de interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais das identidades discursivamente construídas.

Nesse sentido, destaca-se que as vulnerabilidades de gênero se diferenciam em relação aos níveis de opressão e exposição às violências, tendo em vista que há múltiplas formas de vivenciar as feminilidades, as quais se encontram imbricadas por relações de poder. Crenshaw (2002) discute o conceito e práxis de interseccionalidades a partir de uma abordagem que compreende as existências de experiências singulares a partir de racialidades identificadas.

A desigualdade racial é, portanto, constantemente atravessada por gênero, o que mostra como as mulheres podem vivenciar preconceitos de maneiras diferentes. Nesse sentido, exprime que “todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados as suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, origem nacional” também fazem diferença na forma com que as mulheres vivenciam as discriminações (CRENSHAW, 2002, p.173).

À vista disso, a vulnerabilidade de gênero consiste na especificidade do marcador social de gênero que influenciará diretamente na condição de exposição dos corpos a situações perigosas. As interseccionalidades presentes nas identidades dos sujeitos interferem também na produção do risco social de gênero, em que as racialidades, sexualidades, identidades de gênero e outras intersecções relacionam-se com os níveis de exposição. Corpos de mulheres negras, trans e homossexuais, por exemplo, encontram-se em maior vulnerabilidade de gênero (Figura 3).

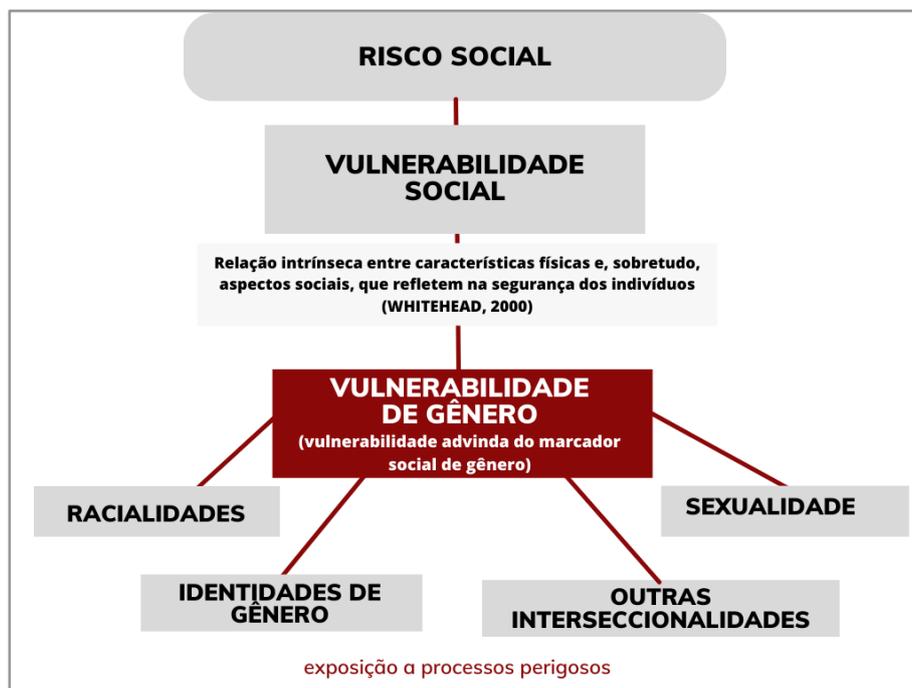


Figura 3 - Relações entre risco social e vulnerabilidade de gênero.
Fonte: Pereira, 2023.

Ao tratar sobre a formação da corporeidade e consciência sobre as estruturas que produzem desigualdades, Louro (2010) discute que no espaço escolar a condição racial, de classe, e sexualidades interseccionam a produção de hostilidades, preconceitos e violências exercidos sobre os corpos dos estudantes, em que a identificação desses marcadores se dá por meio de xingamentos, da desumanização dos indivíduos (SILVA, *et al.*, 2008).

Em reflexões realizadas por Cavalcanti (2016, p. 122), acerca do olhar geográfico e as espacialidades da juventude na sociedade contemporânea, a autora ressalta a pertinência do olhar geográfico alicerçado na multiplicidade espacial, analisada com referências de diferentes escalas, da local à global. Ainda, considera que a visibilidade do múltiplo demanda o reconhecimento da diferença, “trata-se buscar ver o mundo na contradição do local com o global, do incluído e do excluído”. Nesse sentido, o olhar geográfico confere “possibilidades de descobrir novas questões a partir de um outro olhar” (GOMES, 2013, p. 16), tendo como base os conhecimentos geográficos.

No que se refere às identidades e corporeidades da juventude, pode-se estabelecer paralelo com os marcadores sociais de gênero, racialidades e sexualidades que influenciam na produção dos riscos sociais, em função de uma sociedade marcada por desigualdades e opressões em relação aos corpos marginais. Nesse sentido, “quando é possível ouvir as narrativas dos jovens, percebe-se que eles desejam outra forma de organização espacial”, reivindicando maneiras mais igualitárias de viverem suas identidades espacialmente (CAVALCANTI, 2016, p. 134).

Nesse contexto, Cavalcanti (2016, p.134) ressalta a substancialidade do processo de aprendizagem comprometido com o levantamento de discussões acerca dos diferentes elementos que

produzem as espacialidades contemporâneas, que implica em um “jeito de ensinar geografia que tenha a ver com o discurso, em sua natureza social e ideológica”, inserido em um contexto social onde as relações de poder regulam as práticas socioespaciais.

Por conseguinte, o ensino de geografia, configura-se como um processo importante no qual os jovens podem tomar consciência de suas experiências espaciais com a cidade em que vivem, pelo desenvolvimento de um pensamento geográfico articulado, ampliando a maneira com que se perceberem espacialmente e desnaturalizando práticas sociais que ocorrem em seus cotidianos e suas geografias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, durante a realização da oficina “Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências”, discutiu-se em coletivo os lugares que as alunas se sentiam mais ou menos confortáveis/vulneráveis, a partir de suas experiências e realidades. Posteriormente, debateu-se as raízes dessas sensações e sentimentos, ressaltando as dinâmicas de poder que produzem o espaço geográfico. Por fim, realizou-se o processo de mapeamento participativo-dialógico, identificando em vermelho os lugares de perigo, o símbolo de fantasmas, lugares de medo e, em verde, lugares de acolhimento e resistência.

Dentre os aspectos discutidos pelas alunas, destacam-se os perigos e medos associados a diferentes espaços, com destaque para o (i) espaço escolar e (ii) locais de lazer, residências, bares e ruas. Com base nas experiências das estudantes em relação à vulnerabilidade e violência de gênero, observou-se que os espaços escolares e os espaços de lazer, em particular o Pátio Matosinhos - um centro comercial de pequeno porte - foram mencionados com maior frequência. Esses espaços despertaram preocupações significativas devido às experiências vivenciadas pelas estudantes, revelando a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre a segurança e o bem-estar das mulheres nessas localidades.



Figura 4 - Oficina “Mapeamento Colaborativo entre lugares de medo, perigo e (re)existências.

Fonte: Pereira, 2023.

Segundo as estudantes, o espaço da escola configura-se como um lugar de perigo, tendo em vista os relatos de agressões e violências sofridas pelas alunas, mas também, apresenta-se como o lugar de subversão e resistências, visto que a escola representa lugar no qual possibilita-se diálogos, desconstruções e construções de novas espacialidades e concepções de um mundo e sociedade, mais inclusivas e plurais.

Em relação ao Pátio Matosinhos, empreendimento comercial privado da cidade de São João del-Rei, onde concentram-se lojas, praça de alimentação e opções de lazer que fazem parte da espacialidade das juventudes, as estudantes relatam diversos casos de assédio e importunação sexual por parte de usuários do estabelecimento, bem como por parte de guardas que trabalham no local.

Em relação aos lugares de acolhimento e resistências, as alunas citaram grupos de jovens, associações comunitárias do bairro, a escola, suas casas e a Universidade Federal de São João del-Rei. Em relação ao espaço escolar, bem como o residencial, pontuou-se que o mesmo se configura de maneira dúbia e, até mesmo, dialética, sendo espaço de reprodução de violências de gênero ao mesmo tempo representação de possibilidades de luta, desconstruções e construção de horizontes mais inclusivos, de respeito as múltiplas diversidades e existências espaciais.

Durante o mapeamento colaborativo também foi realizado os trajetos que as estudantes mais fazem pela cidade, para refletirmos sobre os espaços mais frequentados e como essas alunas vivem e ocupam o espaço urbano. Dentre as alunas presentes na oficina, majoritariamente o trajeto mais realizado foi casa-escola, com exceção de algumas estudantes que realizam atividades como conservatório de música e igreja.

A maneira com que as estudantes vivem a cidade, bem como a maneira que enxergam alguns bairros e lugares, evidencia-se a problemática no que tange ao direito à cidade. Nesse sentido, há uma intrínseca relação entre a questão de gênero e o direito à cidade. Segundo Mota (2014) a vida cotidiana das mulheres tem sido modelada pelos espaços em que vivem, assim como as mulheres constroem material e simbolicamente a vida cotidiana nos espaços que habitam. Nessa perspectiva, o espaço do planejamento urbano carrega em si uma relação generificada de poder, mencionada pelo próprio Lefebvre a partir do conceito de “espaço fálico” (DE OLIVEIRA, 2021).

Evidencia-se que este mapeamento colaborativo apresenta-se como “ferramenta para reconhecimento de territórios e aproximação da realidade do educando”, visto que possibilita que o jovem se “automapeie e espacialize seus territórios, evidenciando a sua geograficidade e, assim, os diferentes aspectos espaciais” (DE OLIVEIRA, 2019, p. 289).

Ainda, é perceptível que as alunas vivem pouco a totalidade da cidade, apropriando-se de maneira limitada no que tange aos espaços e espacialidades da cidade. A falta de infraestrutura

urbana, no que tange a iluminação pública e a transportes, foram questões apontadas para o pouco uso dos espaços na cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a oficina educativa “Mapeamento colaborativo: entre lugares de medo, perigo e (re)existências” nota-se que o espaço escolar e as espacialidades vivenciadas pelas alunas configuram-se como espaços de opressão e exclusão, caracterizando um ambiente de risco social. Essa realidade evidencia que o cotidiano das alunas é permeado por violência e perigo devido à conjuntura sociopolítica que carrega profundas heranças patriarcais, expondo o corpo feminino a situações de risco. Em contrapartida, a escola representa possibilidade de (des)construções frente à vulnerabilidade de gênero, sendo assim imprescindível refletir a elaboração e efetivação de práticas educativas que levem em consideração a discussão de gênero.

Nesse contexto, as alunas do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Garcia de Lima vivenciam o espaço geográfico de maneira distinta dos meninos, devido à presença de estruturas sociais e simbólicas que naturalizam uma certa "ordem das coisas", baseada em mecanismos que fundamentam a concordância entre a estrutura cognitiva e as estruturas sociais (BOURDIEU, 2012). Consequentemente, destacam-se as relações estabelecidas entre os movimentos do corpo e a vivência no espaço, ambas marcadas por oposições binárias que encontram representações nos polos feminino ou masculino.

Portanto, destaca-se a necessidade e importância em realizar práticas educativas geográficas de abordagem plural e inclusiva para compreender as diferentes dimensões do espaço, especialmente com estudantes do Ensino Médio. Percursos educativos que abordam de forma crítica a realidade das cidades são extremamente relevantes para os jovens e suas geografias. Além disso, a educação geográfica desempenha um papel fundamental como um processo em constante construção, capaz de promover a compreensão e transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2014. 280p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora José Olympio, 2018. 288p.

CALLAI, H. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. MORAES, E. M. B.; MORAES, L. B.; **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepec, p. 15-37, 2010.

CANIL, K. *et al.* Vulnerabilidades, riscos e justiça ambiental em escala macro metropolitana. **Mercator (Fortaleza)**, v. 20, p. 1-15, 2021.

CASTRO, F. V.; FERNANDES, J. L.J. **Territórios quotidianos, riscos sociais e vulnerabilidade da população**: análise preliminar do conceito de urbidíio. 2019.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: alternativa, 2002.

_____. Cidade, cidadania e cultura urbana: espaços públicos enquanto espaço de cidade de jovens em áreas urbanas de Goiânia. **Ciência Geográfica**, v. 10, n. 2, p. 151-156, 2004.

_____. **Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas**: o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar geografia? In: CALLAI, H. C. Educação geográfica: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. O olhar geográfico em formação: Jovens Estudantes de Geografia e desafios urbanos contemporâneos. In: PAULA, A. F. A.; CAVALCANTI, L. S.; PIRES, L. M. (Org.). **Os Jovens e suas Espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016. p. 21-142.

_____. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232p.

CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002.

CUTTER, S. L.; BORUFF, B. J.; SHIRLEY, W. L. Social vulnerability to environmental hazards. **Social Science Quarterly**, v. 84, n. 2, p. 242-261, 2003.

OLIVEIRA, C. M. Contribuições de Henri Lefebvre para repensar e produzir a cidade sob uma perspectiva de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2021.

DE OLIVEIRA, D. W. S. Práticas outras no ensino da Geografia: um estudo de caso do mapeamento colaborativo como ferramenta para o trabalho de reconhecimento dos territórios da juventude numa escola da periferia curitibana. **Terra Livre**, v. 2, n. 53, p. 285-317, 2019.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

GUARESCHI, N. MF *et al.* Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 20-30, 2007.

HAESBAERT, R. **O mito da deterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 396p.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Á. L.; PIRES, C. L. Z. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**, 2016. p. 15-34.

LOURENÇO, L. Risco, perigo e crise: pragmatismo e contextualização. In: SIQUEIRA, A *et al.* **Riscos de desastres relacionados à água. Aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos.** São Paulo: RiMa Editora, 2015. p. 3-43.

LOURO, G. **Pedagogias da Sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.7-34.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Bertrand Brasil, 2008. 314p.

MOTA, L. **As relações de gênero e a produção do espaço urbano: o corpo como potência de transformação da vivência do espaço urbano de Belo Horizonte a partir da experiência da Marcha das Vadias.** 2014. Monografia (Trabalho de Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PEREIRA JR., J. R. B. S. **Vulnerabilidade.** Disponível em: <<https://wikiglaw.fd.uc.pt>. Acesso em: 13 out. 2022.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no Ensino de Geografia. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 277-300, 2017.

ROSE, G. The cultural politics of place: local representation and oppositional discourse in two films. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 19, p. 46-69, 1994.

SCOTT, J. W. El problema de la invisibilidad. In. ESCANDÓN, C. R. (Org.) **Gênero e História.** México: Instituto Mora/UAM, 1989.

SEEMANN, J. Mapas, mapeamentos e a Cartografia da realidade. **Revista Geografares**, n. 04, p. 49-60, 2003.

SILVA, J.; ORNAT, M. J.; CHIMIN, A. B. J (Orgs). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. 400p.

SILVA, J. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. 313p.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2004. 136p.

VEYRET, Y. **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2007. 320p.

WISNER, B. *et al.* **At risk: natural hazards, people's vulnerability, and disasters.** London: Routledge, 2004. 471p.